



**Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH)
Departamento de Psicologia
Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de
Sinais (Libras) /Língua Portuguesa**

**TRADUÇÃO DO PORTUGUÊS PARA A LIBRAS NA ESFERA
RELIGIOSA CRISTÃ: CENÁRIO ACADÊMICO ATUAL E A
PRODUÇÃO SINALIZADA DA BÍBLIA SAGRADA.**

Rebeca Stephany Pires Pereira

São Carlos
2021

**Tradução do Português para a Libras na esfera religiosa cristã:
cenário acadêmico atual e a produção sinalizada da Bíblia Sagrada.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, para obtenção do título de Bacharela em Tradução e Interpretação em Libras / Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Janaina Cabello

São Carlos

2021

Ao Senhor, para Tua glória,
e à comunidade surda.

AGRADECIMENTOS

Por mais clichê que seja, não teria a possibilidade de agradecer a outro primeiramente, a não ser à Deus, meu sustento, refugio, descanso e força, em tudo o que este trabalho gerou, causou, construiu e desconstruiu em mim, e que sem Sua graça e ajuda, eu não teria chegado até aqui.

Aos meus pais, José e Eliana, por terem me proporcionado a oportunidade de cursar uma graduação e me dedicar somente a ela, por mais difícil que tenha sido o trajeto desses 5 anos.

À Janaina, minha querida orientadora, que de prontidão aceitou caminhar comigo nessa estrada tão importante da minha história, sendo mais que uma orientadora, mas sim uma amiga, sendo a calma precisa no momento de desespero, a palavra que faltava nas linhas perdidas, o incentivo e motivação em cada encontro. À ela, minha eterna gratidão.

À família Romero: Mychelle, Paulo e Timothinho, amigos que foram Igreja na minha vida, me incentivaram e se alegraram com a minha proposta, ouviram meus pensamentos e agregaram outros, me receberam com café, bolo e amor, e me fizeram retornar com o gás que faltava, motivação, alegria, orgulho e livros pra referências de bônus.

À minha igreja local, Comunidade Cristã Missão Atos, de São Carlos, e todos os pastores que me instruíram nos meus anos de caminhada e através da Palavra me fizeram me apaixonar pela temática.

Agradeço, enfim, à minha amada UFSCar, por em acolher em todos os seus cantos escrevendo este trabalho, ao curso TILSP, todos seus professores, e aos colegas de curso, em especial: Abilene, por compartilhar os textos de referência bibliográfica, as horas de estudo, orações e as lágrimas e sorrisos para além da universidade. E Bianca, por acreditar em mim desde o primeiro minuto.

RESUMO

Visando a expansão dos trabalhos com foco na tradução na direção Língua Portuguesa – Libras que são pouco realizados na esfera religiosa cristã, tenho como objetivo realizar um levantamento bibliográfico das pesquisas já realizadas na área, bem como uma busca de cunho exploratório dos materiais disponíveis de tradução da Bíblia Sagrada, livro que norteia toda a vida cristã, e a partir de uma análise do que vem sendo proposto pelos mesmos, quantificar e discutir a escassez existente nesta área de produção específica. Desse modo, o trabalho pretende gerar bibliografia proveitosa para a esfera religiosa, e aos surdos que se identificam com a espiritualidade Cristocêntrica.

Palavras-chave: Tradução; Libras/Língua Portuguesa; Bíblia Sagrada; Esfera Religiosa.

RESUMO EM LIBRAS

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tN92xwpggYg>

SUMÁRIO

Apresentação.....	8
1 - Contexto histórico: surdos e a participação das igrejas na difusão das línguas de sinais.....	10
1.1 - O tradutor/intérprete de língua de sinais: do voluntariado à profissionalização.....	13
2 - Distinção entre tradução e interpretação.....	16
3 - Levantamento dos materiais sobre tradução na esfera religiosa cristã.....	20
3.1 - Levantamento de textos escritos: perspectiva acadêmica acerca dos estudos da tradução na esfera religiosa cristã entre 2010 e 2020.....	20
3.2 - Registros em língua de sinais: produções sinalizadas na esfera religiosa cristã do livro sagrado, a Bíblia.....	22
4 - Análises e Considerações Finais.....	33
Referências Bibliográficas	36

Apresentação

O presente trabalho propõe uma discussão acerca dos estudos da tradução entre língua brasileira de sinais e língua portuguesa na esfera religiosa cristã, propondo apresentar brevemente as produções da área em pesquisas que se voltem a esse contexto que historicamente primeiro abraçou a língua brasileira de sinais e se dedicou à sua difusão.

Neste sentido, esta pesquisa diz respeito a um trabalho de conclusão de curso de bacharelado em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, da Universidade Federal de São Carlos, e surgiu do desejo da autora de expandir seus conhecimentos acerca da esfera religiosa cristã, a qual já tinha afinidade e afeição pela espiritualidade praticante.

A partir das primeiras pesquisas relacionadas ao trabalho, percebeu-se escassez de produções nesta esfera, o que motivou a contribuir para o contexto acadêmico que abarca os estudos da tradução na esfera religiosa cristã através da produção bibliográfica e, indiretamente, também à comunidade surda que se identifica, principalmente, com a espiritualidade Cristocêntrica, ou seja, que seguem um estilo de vida tendo como modelo Jesus Cristo e Sua Palavra, a Bíblia.

Desse modo, foi estruturado um trabalho de 4 capítulos teóricos e 3 sub-itens, sendo eles intitulados: capítulo 1: “Contexto histórico: surdos e a participação das igrejas na difusão das línguas de sinais”, tendo como sub-ítem: “O tradutor/intérprete de língua de sinais: do voluntariado à profissionalização”; capítulo 2: “Distinção entre tradução e interpretação”; capítulo 3: “Levantamento e análises dos materiais sobre tradução na esfera religiosa cristã”, tendo com sub-ítem 3.1: “Levantamento de textos escritos: perspectiva acadêmica acerca dos estudos da tradução na esfera religiosa cristã entre 2010 e 2020” e 3.2: “Registros em língua de sinais: produções sinalizadas na esfera religiosa cristã do livro sagrado, a Bíblia”; sendo o quarto e último capítulo denominado: “Análises e Considerações Finais”.

O capítulo 1 do trabalho apresenta uma breve contextualização histórica sobre a participação das igrejas para a difusão e propagação das línguas de sinais, transitando desde as concepções mais antigas em que os surdos (e pessoas compreendidas como “deficientes”) chegavam a ser consideradas “não-humanos”, na Antiguidade, passado a

momentos históricos em que se dá o interesse de evangelização dessas pessoas. Nesse ensejo, a Igreja foi iniciando um trabalho de mudança de perspectiva da sociedade, transitando para uma visão socioantropológica dos surdos, e o caminho do voluntariado à profissionalização dos tradutores e intérpretes de língua de sinais.

O capítulo 2 se propõe a discorrer sobre a distinção entre os processo de tradução e interpretação entre línguas de sinais e línguas orais, tendo como foco do trabalho os estudos da tradução entre libras e língua portuguesa, sendo apresentados e diferenciados os conceitos de tradução interlingual, intralingual, intersemiótica e intermodal (JAKOBSON, 1997).

No capítulo 3, itens 3.1 e 3.2 são explicitados dois momentos de coleta de dados do presente trabalho, sendo eles: 1) o mapeamento dos textos acadêmicos em nível superior, teses e dissertações sobre a esfera religiosa cristã e 2) levantamento dos materiais de tradução já disponíveis do livro sagrado, a Bíblia.

Finalizando o trabalho, temos o 4º e último capítulo, contendo as análises de cada um dos materiais encontrados e as considerações finais.

Capítulo 1 - Contexto histórico: surdos e a participação das igrejas na difusão das línguas de sinais.

Visando a expansão dos trabalhos com foco na tradução na direção língua portuguesa - língua brasileira de sinais (Libras²) e que são pouco realizados na esfera religiosa cristã, este trabalho tem como objetivo realizar um levantamento bibliográfico das produções acadêmicas acerca da esfera referida, bem como dos materiais de tradução já existentes da Bíblia Sagrada, e a partir de uma análise do quem vem sendo proposto, fomentar a discussão acerca dos estudos da tradução na esfera religiosa, especificamente, a cristã.

Para isso, este capítulo apresentará uma breve contextualização histórica sobre a participação das igrejas para a difusão e propagação das línguas de sinais.

Vindos de um lugar social muito desprestigiado, os até então “surdos-mudos” eram considerados na era medieval seres castigados por Deus, “endemoniados” e poucos os consideravam como pessoas, uma vez que, segundo Dalcin (2009), a surdez estava enlaçada no discurso místico-religioso da Antiguidade e da Idade Média. Tais discursos “conferiam aos surdos o estatuto de ‘imbecilidade’, de ‘semi-animalesco’, de ‘não-humano’ (p. 4). Essas considerações se davam pela influência dos filósofos da época, como nos mostra Strobel (2009) sobre Aristóteles, pensador famoso:

O filósofo Aristóteles (384 – 322 a.C.) acreditava que quando não se falavam, conseqüentemente não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que: “... de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdo-mudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão. (p.18)

Por terem nascido sem a audição, religiosos da época entendiam que Deus não queria que os surdos ouvissem e, conseqüentemente, não ouvindo a Palavra de Deus, não poderiam receber a salvação. Essa interpretação é possível, por exemplo, quando Paulo escreve à igreja de Éfeso, ao lermos, no segundo capítulo de sua carta direcionada, no versículo 8 - (trecho este que é complementado pela também carta de Paulo, porém direcionada aos Romanos (10:17): “Pois vocês são salvos pela graça, *por meio da fé e de*

² No trabalho adotarei a grafia Libras ao me referir à língua brasileira de sinais, conforme decreto nº 5626/05 (BRASIL, 2005).

sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (grifos meus). Por essas razões os surdos, por muito tempo foram perseguidos, isolados e até mesmo mortos.

Apesar de excluídos, os surdos, quando juntos, se comunicavam com sua própria linguagem, uma linguagem que só eles compreendiam. Alguns cristãos, inconformados com a impossibilidade de salvação desses sujeitos, se dispunham a buscar entender e aprender tal linguagem tão singular, com foco na evangelização dos mesmos, o que, de acordo com Reily (2007), configura um contexto inicial voltado à educação dos surdos, constituindo-se dentro do contexto religioso. A evangelização era o principal foco do interesse da Igreja na aprendizagem das línguas de sinais, porém, a inclusão dos surdos no contexto religioso, com o passar do tempo, acarretou na inclusão desses sujeitos nos demais espaços.

É na Idade Moderna, em meados de 1500, que um monge beneditino, Pedro Ponce de Leon, ao perceber que havia um meio de comunicação entre os surdos, se dedicou ao aprendizado da linguagem usada por eles. Quando o monge é convidado pela família real espanhola para ministrar estudos aos dois filhos do rei, ambos surdos, acabou sendo reconhecido o marco histórico do início da primeira escola de surdos no mundo (STROBEL, 2009, p.19). A autora ainda aponta que, aproximando para o contexto nacional, o primeiro registro de língua de sinais no que se diz respeito ao âmbito educacional se dá através do francês Eduardo Huet, professor surdo que veio ao Brasil a convite de Dom Pedro II, para abrir uma escola para pessoas surdas. A partir daí, a educação de surdos e os estudos sobre a língua de sinais começaram a se consolidar mais efetivamente e alcançar cada vez mais espaço na sociedade (STROBEL, 2009, p.24).

Esse primeiro movimento realizado pela igreja na sede de incluir e integrar o surdo na sociedade por meio da catequização influenciou para que essa área contribuísse - e muito - para os estudos das línguas de sinais, pois é, por exemplo, do meio luterano que emergem linguistas das línguas de sinais de absoluta notoriedade no cenário nacional, como Ronice Quadros e Lodenir Karnopp (ASSIS SILVA, 2012, p.28).

A igreja não teve seu papel limitado aos primeiros estudos sobre as línguas de sinais, atuações para a comunidade surda, mas também para a retirada da lente clínica acerca da surdez, como nos apresenta Assis Silva (2012) quando diz que “a Igreja Católica, Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Igreja Batista Brasileira e Testemunhas de Jeová, são certamente, as instituições fundamentais para a produção da surdez como particularidade étnico-linguística do Brasil” (p. 40).

Na década de 1980, os luteranos começaram a organizar uma bibliografia proveniente dos Estados Unidos, que posteriormente ganharia o nome de linguística das línguas de sinais e estudos surdos, então, de modo pioneiro no Brasil, luteranos afirmaram o pleno estatuto de língua de sinais, nomeada, naquele momento, como Linguagem de Sinais do Brasil, apesar de o uso do termo “linguagem” para nomear a comunicação que tomam por objeto não parecer implicar a afirmação de que esta seria uma língua menor do que as línguas orais (ASSIS SILVA, 2012, p.108). Além disso, “engendraram uma crítica que seria mais apropriado o seu tratamento como uma diferença” (ASSIS SILVA, 2012 p. 105).

Amparados pelos estudos linguísticos que garantiam até então à “linguagem de sinais” o estatuto de língua, os luteranos se posicionam contra o oralismo³, com sua visão de deficiência sobre o sujeito surdo, e demonstravam, inclusive com bases teológicas, comparativos entre os tipos de amor da bíblia, com o oralismo e a comunicação total:

É possível ver um amor “eros” na ânsia de enquadrar o surdo na sociedade ouvinte, onde a função normal é entender a linguagem falada. Nesse caso, a surdez seria encarada como uma disfunção a ser superada. A função que interessa a esse tipo de amor “eros” é ser ouvinte ou, no mínimo, aparentar ser ouvinte ou não destoar como não ouvinte. O amor “ágape” aceita o surdo como pessoa de elevada dignidade e se entrega a ele de tal forma que está disposto a aprender a sua linguagem de sinais, valorizando o esforço que o surdo precisa fazer para se adaptar ao mundo dos ouvintes. O amor “ágape” não discrimina pela função, mas valoriza a pessoa por sua dignidade conferida por Deus. Desta forma o amor “ágape” do cristão aceita a diferença da surdez e busca os melhores meios da comunicação total para servir o surdo na sua comunicação com a sociedade e com Deus (WARTH & WARTH, 1983, p.76, apud ASSIS SILVA, 2012, p.110.)

Na concepção cristã de inclusão do surdo, retirar a lente da deficiência sobre o surdo era uma forma de atender o “Ide” de Jesus (Marcos 15:16), indo a todo mundo e pregando o Evangelho a toda criatura, fazendo o que fosse possível para alcançar as vidas, assim como exemplifica Paulo de Tarso, apóstolo de Jesus quando diz suas estratégias de evangelização quando escreve à igreja de Corinto, na 1ª carta aos Coríntios, capítulo 9, versículo 22:

Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei,

³O oralismo é uma filosofia linguístico pedagógica a qual discorrerei mais à frente no trabalho, mas, grosso modo, que acredita que o sujeito surdo só pode atingir plenamente as faculdades mentais caso se comunique oralmente.

como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns.

Com a missão estabelecida no coração dos cristãos de busca de salvação das almas dos surdos, a língua de sinais foi sendo cada vez mais difundida dentro das igrejas, até sair das quatro paredes do templo, fazendo com que as pessoas que se dispunham a aprender e divulgar a língua e a comunidade surda (que até então não eram nomeados como tradutores/intérpretes de Libras oficialmente) ficassem em evidência em esferas que não somente a religiosa, trazendo também a reflexão de que aquele ato de serviço comunitário, pudesse também abranger uma possibilidade de profissão.

Assim, com o “aparecimento” dos surdos na sociedade, outras esferas foram dando atenção e voltando seu olhar para essas pessoas, reconhecendo a necessidade de um profissional específico para essa área de atuação e fazendo, portanto, com que o tradutor e intérprete de Libras, antes voltado completamente para uma prática voluntária, começasse a vislumbrar essa prática como uma profissão, como abordarei a seguir.

1.1 O tradutor/intérprete de língua de sinais: do voluntariado à profissionalização.

Durante um longo período prevaleceram práticas ouvintistas na educação de surdos, definidas por Carlos Skliar (1998) como aquelas com características de uma normativa de pessoas que não possuem surdez, ou seja, pessoas ouvintes que estabelecem um padrão de normalidade na qual o surdo não se enquadra (SKLIAR, 1998, p.15). As práticas ouvintistas, portanto, são aquelas que estabelecem um padrão de normatização dos corpos surdos, onde a visão dos ouvintes prevalece e é tida como correta, perfeita e digna de replicação nos corpos que não se encaixam nesse padrão, abrindo espaço para “torturas fonoaudiólogas”, como os exercícios de repetição de fala com fones de ouvidos no volume máximo, e linguísticas, com a proibição da sinalização, onde usavam de violência física, se fosse preciso, para que esses sujeitos surdos não utilizassem língua de sinais, pois o uso da mesma era um obstáculo na aprendizagem, especificamente na aprendizagem da língua oral, como também nos mostra Skliar (1998). Então, respaldados pela visão clínica da surdez, médicos acreditavam necessitar “corrigir” esses corpos “deficientes”.

É quando a réplica contra esse movimento vem, como consequência da mobilização da comunidade surda acerca de sua língua, fundamentada na tese publicada por William Stokoe em 1960, linguista americano que estava tentando provar que a ASL⁴ apresentava as mesmas estruturas que as língua orais considerando sua gramática e estrutura própria, merecendo tal reconhecimento. Já em âmbito nacional, a Libras ganha mais visibilidade em 1988, com a nova Constituição brasileira (BRASIL, 1988), onde grupos minoritários, como mulheres e negros começam a se expor e lutar por seus direitos.

Nesse cenário, os surdos se mobilizam em prol de sua comunidade e tais mobilizações propiciam pesquisas que começam a deslocar a surdez de uma perspectiva da deficiência (a perspectiva ouvintista de reabilitação, como citado), para uma perspectiva posteriormente conhecida como “socioantropológica da surdez” (SKLIAR, 1998), ou seja, o surdo passa a ser compreendido como um indivíduo como qualquer outro, tendo somente uma diferença linguística e cultural. Nessa direção, como apontado por Duarte (2013), citando Skliar (1998) e Machado (2008):

A comunidade surda, que usa a língua de sinais como primeiro meio de comunicação e possui sentimento de pertencimento à cultura surda, constitui-se em um grupo com características linguísticas peculiares, com cultura, normas sociais e identidade própria. Difere dos ouvintes em virtude dos processos comunicativos e não pela alteração orgânica funcional (p.17).

Sendo assim, a comunidade surda passa a defender a surdez como diferença linguística (e, portanto, cultural), sem necessidade alguma de reparação de seu corpo, mas sim de acessibilidade e reconhecimento de sua língua, de seu modo singular de enxergar, viver e experienciar o mundo. Nessa direção, como destacado por Strobel (2008):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das "almas" das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (p. 22).

Partindo então de um conceito clínico de deficiência para uma visão social da surdez, houve maior desenvolvimento acerca das políticas públicas concernentes à surdez, principalmente no cenário nacional com a regulamentação da Lei de Libras, através do decreto 5.626/2005, (BRASIL, 2005) que entende a Língua Brasileira de

⁴ASL é a sigla usada para se referir à língua de sinais americana, a American Sign Language.

Sinais, a Libras, como meio de comunicação e expressão da comunidade surda pela lei federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002).

Na esteira da legislação que começa a favorecer a inserção social das pessoas surdas como aquelas com direitos linguísticos a ser garantidos, começam a surgir, então, cursos superiores para a formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais, sendo que, segundo Lima (2016), “Esse desenvolvimento para uma melhor formação intelectual do intérprete só se deu depois do decreto 5626/2005, pois a partir dele houve avanço nas políticas linguísticas em arrolamento a Libras, gradativamente, com que ela alcançasse o seu lugar como objeto de estudo científico” (LIMA, 2016, p.5).

Com a difusão das línguas de sinais, a integração da comunidade surda na sociedade, o movimento foi ganhando força e visibilidade, fazendo com que também houvesse a regulamentação da profissão do tradutor/intérprete de Libras, por meio da lei 12.319 de 1 de setembro de 2010 (BRASIL, 2010), sendo um grande marco de passagem do voluntariado à profissionalização.

No avançar do contexto de profissionalização, as práticas foram ficando cada vez mais complexas, sendo que os estudos sobre os processos específicos de tradução e interpretação foram dando novos contornos à área e às pesquisas, como detalharei no próximo capítulo.

Capítulo 2 - Distinção entre tradução e interpretação.

Com tal reconhecimento da Libras, as produções dos tradutores e as atuações dos intérpretes foram sendo cada vez mais difundidas, e apesar de um modo geral, terem um propósito compartilhado, como Pagura (2003) expressa: “fazer com que uma mensagem expressa em determinado idioma seja transposta para outro, a fim de ser compreendida por uma comunidade que não fale o idioma em que essa mensagem foi originalmente concebida” (p. 223), foram reconhecidas como atuações específicas e, portanto, envolvendo habilidades diferentes, como também apontado por Souza-Andrade e Barbosa (2015), quando afirmam que “A dicotomia texto escrito e texto oral (sinalizado, no caso das línguas de sinais) é o ponto central da diferenciação entre essas duas práticas, de modo que a tradução parte do texto escrito, enquanto a interpretação tem como fonte a produção oral” (p.2).

Historicamente, no que se refere às práticas em que ambas as línguas (português e Libras) estão envolvidas, o processo de interpretação acaba se destacando, como apontam Nascimento, Martins e Segala (2017), quando afirmam que entre as duas atividades (a de tradução e de interpretação entre línguas orais e de sinais), atualmente, a interpretação é a que mais mobiliza as línguas de sinais. Isso porque, segundo os autores, enquanto a tradução caracteriza-se por um processo de maior imersão no texto fonte, compondo um trabalho mais demorado, refletido e estudado, a interpretação refere-se à ação imediata de tomada de decisões e escolhas na transposição de uma língua para outra (NASCIMENTO, MARTINS, SEGALA, 2017, p. 1861).

Além dessas características, há o grande determinante espaço-tempo, que especificam as atuações da tradução e da interpretação. Enquanto a interpretação é caracterizada, “sobretudo, pelas efemeridades e imprevisibilidades das interações face-a-face, pode, também, ser pensada de uma perspectiva transcriativa”, na tradução há maior possibilidade de recursividade e revisão quando há um espaço-tempo de produção expandido, como salientam Nascimento, Martins e Segala (2017).

Apresentadas brevemente as especificidades de cada um dos processos (de tradução e de interpretação), portanto, retomo o foco que será abordado neste trabalho, que é especificamente o processo de tradução, que, por Jakobson (1977), foi dividido em três tipos: tradução intralingual, tradução interlingual e tradução intersemiótica.

A tradução intralingual nada mais é que uma forma de se dizer a mesma coisa, porém com outras palavras, dentro de uma mesma língua, como aponta Jakobson, em sua obra de 1977: “a tradução intralingual ou reformulação (rewor-ding) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua” (JAKOBSON, 1977, p.42). Pode ser uma forma de explicação, por exemplo: um texto acadêmico, com suas palavras rebuscadas do vocabulário específico da área, se quisermos explicar tal conteúdo a uma senhora, simples, sem escolaridade, temos de fazer o movimento de pensar nesse conteúdo de uma outra maneira, simplificá-lo, escolher outras palavras para que seja de compreensão do público alvo, isso seria uma tradução intralingual, uma forma de dizer uma mesma coisa, com outras palavras, em uma mesma língua.

A tradução interlingual se caracteriza pela tradução que comumente conhecemos: a de uma língua para outra. O autor criador do termo caracteriza como: “tradução interlingual ou tradução propriamente dita ‘consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua’ (JAKOBSON, 1977, p.42). Nesse caso, temos o foco na passagem da mensagem de uma língua para uma outra língua, buscamos equivalência dos sentidos nas duas línguas, e fazemos a escolha de palavras e construção a maneira que uma mesma mensagem seja compreendida em duas línguas da forma mais parecida possível.

Ainda de acordo com o autor, “A tradução inter-semiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (JAKOBSON, 1977, p.42). Na tradução intersemiótica temos um modo de tradução pouco considerado como tradução pelas pessoas, por muitas vezes ser um conceito entendido muitas vezes com relação a palavras, somente. A tradução intersemiótica acontece quando temos uma mensagem em uma forma semiótica e passamos para outro modelo, por exemplo: um livro, arte que conta uma história em forma de palavras escritas, e ao fazer um filme baseado nesse livro, temos a mesma mensagem, porém agora passada para outra semiótica, fazendo o uso de imagens, falas, sons.

Roxane Rojo (2013) discorre sobre o conceito de semiose, caracterizando-o como:

Modalidades de linguagem, como a pintura, a fotografia, o cinema, o vídeo, a música, a dança etc. Trata-se de uma extensão do conceito de modalidade de língua (oral e escrita) a outras semioses, organizadas e materializadas em outras configurações e outras lógicas, estendendo, por exemplo, o conceito de gramática a uma “gramática visual” (ROJO, 2013, p.9).

Segala (2010), pesquisador surdo da área da linguística e dos estudos surdos, percebe então uma certa especificidade quando se tratam de traduções que envolvem as línguas de sinais, e que uma definição de tradução interlingual, não basta, mas seria necessária a criação de um novo conceito, uma vez que a tradução interlingual não traduz a especificidade envolvida, pois estamos diante de línguas em diferentes modalidades (SEGALA, 2010, p. 28).

A Língua Portuguesa é uma língua de modalidade oral-auditiva, pois tem sua produção feita pela boca de modo oral e sua recepção acontece pelos ouvidos, já as Libras é uma língua de sinais, de modalidade gestual-visual, que tem sua expressão realizada, pelas mãos de forma gestual e sua recepção acontece pelos olhos, sendo assim, pensando com outras autoras do contexto que concluiu-se uma especificidade de modalidade “como as modalidades das línguas envolvidas são diferentes, percebem-se efeitos de modalidade” (QUADROS, SOUZA, 2008, p. 3) e foi criado então, o conceito de intermodalidade, definida como a tradução com mobilização de duas línguas de modalidades linguísticas diferentes, como por exemplo, de uma língua de sinais para uma língua oral, e vice-versa.

Outra especificidade de uma tradução de uma língua de sinais para uma língua oral ou vice e versa é a questão da intersemioticidade. A semiótica é a teoria das representações, das diferentes manifestações linguísticas, por exemplo, um livro que é transformado em um filme, faz o uso de diferentes semióticas, as imagens, gravações, e trilha sonora, são formas de representar e manifestar o que o texto escrito do livro quis passar ao leitor, e que agora, é passado ao espectador de outras formas, mas com o mesmo sentido.

A Libras, por ser uma língua de sinais de modalidade gestual-visual, tem seus registros feitos principalmente por vídeos, e não em escrita, apesar de existir uma escrita de sinais chamada *Sing Writing*⁵, mas que é pouco aderida pela comunidade surda, pelo forte incentivo ao bilinguismo e aprendizado do português como método ideal para o desenvolvimento (DALLAN; MASCIA, p. 1, 2012), e a Língua Portuguesa tem seus

⁵Em 1974, Valerie Sutton criou o SignWriting, uma escrita das línguas de sinais feita através de desenhos e símbolos. O SignWriting entrou no Brasil em 1996, através do Professor Doutor Antonio Carlos da Rocha Costa, que iniciou um grupo de pesquisa com Márcia Borba e Marianne Stumpf, que mais tarde, em 2005, defenderam suas pesquisas na área, fortificando a discussão no Brasil acerca do tema. Mais informações disponíveis em: <https://www.valeriesutton.org/>, <https://www.signwriting.org/> e <https://bit.ly/2OFIDVI>. Acesso em 26 de abril de 2021.

registros escritos ou áudios, logo, traduções envolvendo língua de sinais e língua oral demandariam o uso de recursos semióticos diferentes. As traduções de Português para Libras, podem ser realizadas a partir de textos e áudio, e assim passados para vídeos sinalizados, ou vice-versa, vídeos de sinalizantes que são transformados em textos ou áudios no Português, então, passam de um modelo de semiótica para outro.

Concluimos, então, assim com afirma Segala (2010), que uma tradução de Língua de Sinais para línguas orais, ou vice-versa, é uma tradução interlingual: pois mobiliza um conteúdo entre duas línguas diferentes, intersemiótica: porque transita em diferentes semioticidades, e intermodal, pois faz o uso de duas modalidades linguísticas diferentes.

Capítulo 3 – Levantamento dos materiais sobre tradução na esfera religiosa cristã

A partir das reflexões até aqui feitas, o presente capítulo tem como foco mapear as produções (escritas e digitais) sobre a tradução de língua de sinais na esfera religiosa, especificamente das comunidades cristãs, com o intuito de fomentar a discussão acerca dos estudos da tradução na esfera religiosa. Para isso, o capítulo apresenta inicialmente um levantamento bibliográfico de cunho exploratório de teses e dissertações publicadas tendo como foco estudos no campo da tradução na esfera religiosa cristã, para em seguida apresentar um breve levantamento de produções sinalizadas (registros em língua de sinais em textos-vídeos), quantificar e problematizar a baixa produção com essa temática.

3.1. Levantamento de textos escritos: perspectiva acadêmica acerca dos estudos da tradução na esfera religiosa cristã entre 2010 e 2020

Considerando que a atuação do tradutor/intérprete de língua de sinais nasceu a partir de uma perspectiva assistencialista dos cristãos do século XVIII (ASSIS SILVA, 2012), compreendemos ser importante mapear como a área que primeiro se dispôs a se colocar nessa posição de traduzir e interpretar textos do Português para a Libras tem se empenhado, recentemente, na produção de materiais sobre os estudos da tradução em Libras, propondo uma breve reflexão de porquê, aparentemente, existir escassez de obras nessa esfera específica, se distanciando muito da do número de publicações e pesquisas que se debruçam sobre as demais áreas de estudo no campo da tradução Libras/Língua Portuguesa (como a tradução para a Libras de materiais educacionais, por exemplo).

Em uma primeira etapa de cunho quantitativo, buscou-se através de pesquisa bibliográfica, reunir trabalhos encontrados a partir da consulta de palavras-chaves exclusivamente na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). O levantamento levou em conta o período de 2010 a 2020, tendo em vista para esse recorte temporal, a regulamentação da profissão de Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no país pela lei 12.319 de 2010 (BRASIL, 2010).

Foram considerados apenas os títulos encontrados por consequência da busca de palavras-chave, sendo elas, respectivamente, pesquisadas em conjunto na mesma exploração: Tradução-Libras-Religiosa. O caminho percorrido até chegar ao recorte desejado foi feito em duas pesquisas. Na pesquisa 1 no banco de dados, foi consultado somente as palavras “Tradução-Libras”, após esse movimento, foi realizada a segunda

pesquisa, onde foi adicionado a palavra "Religiosa" na busca, ficando então: "Tradução-Libras-Religiosa".

Como resultado, foram encontradas 10 obras, sendo apenas 4 de fato sobre a tradução em Libras na esfera religiosa, a partir de uma matriz cristã, sendo eles: uma tese: "Literatura Surda: as produções digitais de textos religiosos em Libras", de Carolina Silva Resende da Nóbrega, defendida em 2017; e 3 dissertações, sendo elas, respectivamente por seus anos de defesa: "A tradução na criação de sinais-termos religiosos em Libras e uma proposta para organização de glossário terminológico semibilíngue", de Brenno Barros Douttes (2015); "Metáforas conceituais baseadas em vida, morte e ressurreição e sua tradução para a Libras", de Emerson Cristian Pereira dos Santos (2016); e "Análise comparativa de traduções de textos bíblicos para a Libras", de autoria de Ellen Correia Araújo (2018).

Os dados encontrados foram sistematizados nas tabelas abaixo. A tabela 1 apresenta os resultados dos dois momentos de levantamento bibliográfico (pesquisa 1 e pesquisa 2), realizados com diferentes palavras-chave em cada um dos momentos. Já a tabela 2, em seguida, sistematiza os materiais encontrados (com suas respectivas palavras-chave), a autoria e o ano de publicação de cada trabalho.

	PESQUISA 1	PESQUISA 2
PALAVRAS-CHAVE	Tradução - Libras	Tradução - Libras - Religiosa
QUANTIDADE DE TEXTOS ENCONTRADOS	236	10
SOBRE LÍNGUA DE SINAIS	120	2
SOBRE A ESFERA RELIGIOSA	6	4

Tabela 1: Dados gerais da pesquisa quantitativa. Tabela produzida pela autora.

TÍTULO	AUTOR (A)	ANO DE PUBLICAÇÃO	PALAVRAS - CHAVE	GÊNERO CIENTÍFICO
A Tradução na Criação de Sinais-Termos Religiosos em Libras e uma Proposta para Organização de Glossário Terminológico Semi-Bílingue.	Brenno Barros Douttes	2015	Libras; Glossário Terminológico Semibilingue; Léxicos Religiosos; Estudos da Tradução; Lexicografia.	Dissertação
Metáforas Conceituais Baseadas em Vida, Morte e Ressurreição e sua Tradução para a Libras.	Emerson Cristian Pereira dos Santos	2016	Bíblia; Metáforas Conceituais; Tradução; Linguística Cognitiva; Libras.	Dissertação
Literatura Surda: As Produções Digitais de Textos Religiosos em Libras.	Carolina Silva Resende da Nóbrega	2017	Literatura Surda; Texto Religioso Literário e Informativo; Tradução.	Tese
Análise Comparativa de Traduções de Textos Bíblicos para a Libras.	Ellen Correia Araújo	2018	Tradução; Libras; Acessibilidade; Texto Bíblico.	Dissertação

Tabela 2: Teses e dissertações encontradas na pesquisa quantitativa. Tabela produzida pela autora.

Além do trabalho bibliográfico realizado, buscamos também por propostas práticas e registros em Libras da Bíblia (livro sagrado das comunidades cristãs), a Bíblia, traduzida do português escrito para a Libras. O levantamento realizado (bem como uma breve contextualização histórica sobre a produção de propostas de tradução para Libras no contexto religiosos) é apresentado a seguir.

3.2. Registros em língua de sinais: produções sinalizadas na esfera religiosa cristã da Bíblia

Embora atualmente as possibilidades advindas com as tecnologias viabilizem a ampla produção e circulação de materiais traduzidos para a Libras de diferentes gêneros (materiais didáticos, traduções de literatura infantil e juvenil, conteúdos jornalísticos e materiais religiosos), anteriormente aos recursos digitais, a esfera religiosa já se preocupava em realizar registros em Libras, onde líderes dos chamados “ministérios de surdos” criavam apostilas com seu conhecimento de língua de sinais, fazendo o uso, por exemplo, do “Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira” Capovilla (2001) para ilustrar o material, que pretendia oferecer orientações acerca da comunidade surda, seus costumes, e até mesmo sobre postura profissional,

como fez Nilzélia Leite da Assembleia de Deus do Gama Oeste, fazendo com que o conteúdo transitasse dentro das igrejas.

As ilustrações retiradas do Dicionário Ilustrado de Libras para a produção do material feito por Leite podem ser exemplificadas com a figura abaixo:

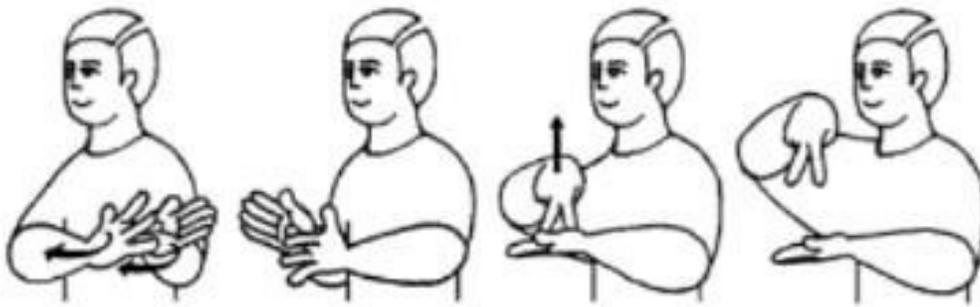


Imagem 1: imagem correspondente à tradução proposta para a sentença “Ressurreição de Jesus”. (CAPOVILLA, 2001, p. 1140).

Os recursos impressos, embora usados, não tinham grande aderência pela comunidade surda, a qual difundia a literatura surda no modo face a face, nos encontros presenciais, onde eram compartilhadas histórias, contações, poesias, como Nóbrega (2017) apresenta:

Com a falta de registros, muitas poesias, narrativas, dentre outras obras da Literatura Surda, foram perdidas, porque esse material era apenas estocado nas mentes dos surdos daquelas gerações e narradas/contadas/declamadas apenas nos encontros. Essas obras precisavam ser sinalizadas para outros surdos de outras gerações, através da língua de sinais (p.16).

Assim como Karnopp, autora surda a qual relata sobre a evolução nos modos de registro da literatura surda:

Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. Assim, estamos privilegiando a literatura surda contemporânea, após o surgimento da tecnologia, da gravação de histórias através de fitas VHS, CD, DVD ou de textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o português. O registro da literatura surda começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram formas visuais de registro dos sinais. (KARNOPP, 2008, p. 2).

As produções e atuações dos tradutores/intérpretes, que antes já aconteciam, em sua maioria, de modo informal e assistencial, foram sendo cada vez mais registradas com a chegada da era digital. A modernização das filmadoras e o fácil acesso às tecnologias fez com que houvesse um aumento de gravações das atuações e materiais de tradução, além de pesquisas acerca das línguas de sinais, desenvolvendo o campo de estudos que, em décadas anteriores, deparava-se com a dificuldade de registro, dada a especificidade da modalidade visuo-gestual da Libras – em seus aspectos tridimensionais, além dos parâmetros composicionais como as expressões faciais e corporais, como Segala (2010) nos mostra:

Com o barateamento dos recursos tecnológicos, é cada vez mais comum, até mesmo nos cursos de Letras Libras, o uso do vídeo como recurso de tradução de um texto escrito ou falado em uma língua qualquer para a Língua de Sinais. O uso da Língua de Sinais em vídeo facilita a compreensão, pois usa um código já conhecido dos surdos. É uma tradução intersemiótica. (SEGALA, 2010, p. 30).

Nesse sentido, para o levantamento de produções mais recentes encontradas já em suportes digitais, as buscas foram realizadas em sites disponíveis na internet, utilizamos a ferramenta de busca “Google”, com a seguinte pesquisa: “Bíblia em Libras”, onde foram gerados pelo site aproximadamente 359.000 resultados, como mostra a imagem abaixo, contendo o print da página:

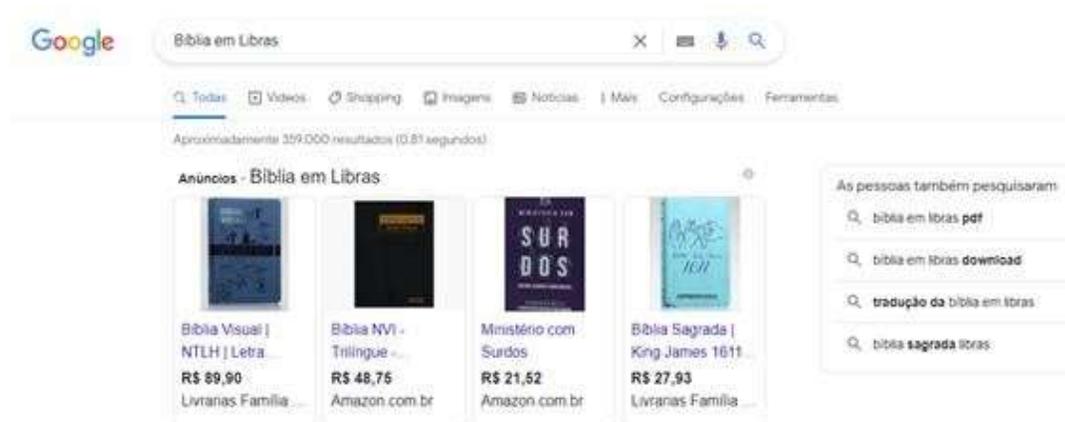


Imagem 2: resultado da busca inicial no site Google, com a pesquisa pela sentença “Bíblia em Libras”.

O site também indica outras pesquisas relacionadas, como: “Bíblia em Libras pdf”; “Bíblia em Libras download”; “Tradução da Bíblia em Libras”; “Bíblia Sagrada

Libras”. Ao consultar estas pesquisas, os resultados gerados são os mesmos: propagandas de livros relacionados a ministérios de surdos, links para aplicativos da Bíblia em Libras, canais no Youtube com vídeos de tradução da Bíblia e notícias sobre projetos de tradução da Bíblia, como demonstrado com a imagem abaixo:

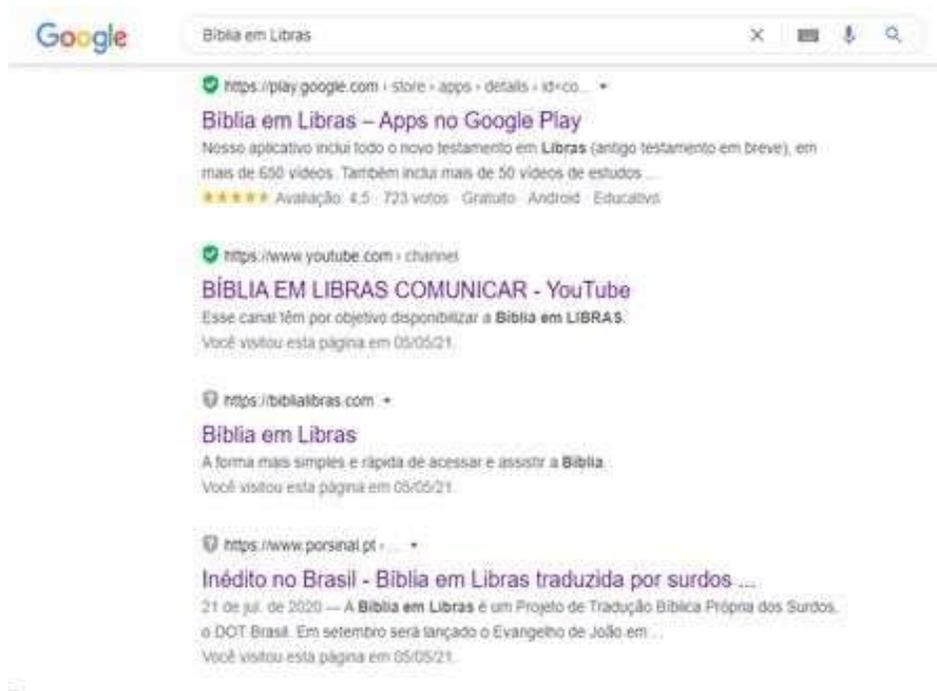


Imagem 3: print da página inicial do site Google gerada pela pesquisa da sentença “Bíblia em Libras”⁶. Acesso em 27 de maio de 2021.

A partir de tais resultados, buscamos então investigar os principais links e sites gerados, levando em consideração o mesmo período de recorte para o levantamento das pesquisas bibliográficas citado anteriormente (de 2010 à 2020). Além deste recorte, foi escolhido analisar somente os dados da primeira página do site de pesquisa, tendo em vista ser inviável analisar 359.000 resultados em um trabalho de curto fôlego e

⁶ Links dos sites elencados na imagem: 1- “Bíblia em Libras – Apps no Google Play”, disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.bibliaibras.android&hl=pt_BR&gl=US ; 2- “BÍBLIA EM LIBRAS COMUNICAR – YOUTUBE”, disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCfwfJaMARKZ-wsx0tIursYw> ; 3- “Bíblia em Libras”, disponível em: <https://bibliabilibras.com/> ; 4- “Inédito no Brasil - Bíblia em Libras traduzida por surdos...”, disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=destaques&idt=not&iddest=511> . Todos os acessos feitos em Acesso em 27 de maio de 2021.

considerando a possibilidade de que os resultados apresentados inicialmente possam se relacionar mais diretamente a nosso objetivo de pesquisa.

A seguir, apresentarei os resultados da pesquisa do Google, trazendo imagens e comentários sobre cada um dos materiais encontrados.

O primeiro link gerado pelo Google na pesquisa “Bíblia em Libras” foi um aplicativo de celular, criado por Bernardo Ferrari, desenvolvedor do aplicativo e também dos outros dois links: do canal no Youtube “Bíblia em Libras Comunicar”, e o site “biblialibras.com”. Todos os três abrigam o mesmo conteúdo, sendo eles, vídeos de tradução do Novo Testamento, incluindo 27 livros do livro sagrado, a Bíblia. O projeto começou a ser postado nas plataformas em novembro de 2016, estendendo-se até maio de 2017.



Imagem 4: Interior do site “biblialibras.com”, site para baixar o aplicativo. (Disponível em: <https://biblialibras.com/>, acesso em 27 de maio de 2021).



Imagem 5: Interior do aplicativo “Bíblia em Libras” (Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.biblibras.android&hl=pt_BR&gl=US, acesso em 27 de maio de 2021).



Imagem 6: Interior do canal no Youtube “Bíblia em Libras Comunicar”. (Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCfwfJaMARKZ-wsx0t1ursYw>, acesso em 27 de maio de 2021).

O último link gerado é uma notícia, a qual divulga um projeto de tradução da Bíblia do português para a Libras chamado “Missão DOT Brasil (Deaf Owned Translation) - Tradução Bíblica Própria dos Surdos⁷”.

A DOT é uma organização americana que tem foco na tradução da Bíblia em língua de sinais, a instituição viaja o mundo fazendo oficinas de tradução e incentivando os outros países a iniciarem o projeto em suas nações, para que mais surdos sejam alcançados.

No Brasil o projeto iniciou em 2017 e conta com surdos e intérpretes ouvintes de apoio espalhados por todo o Estado, todos na mesma missão de traduzir a Bíblia. Atualmente, o projeto possui somente a tradução de três livros do Novo Testamento, sendo eles: João, Mateus e 1ª Coríntios. O projeto está trabalhando para concluir todos os 66 livros da Bíblia.



Imagem 7: Interior do site da DOT Brasil. (Disponível em: <https://dotbrasil.org/>, acesso em 27 de maio de 2021).

O site redireciona o usuário para um canal no Youtube, onde são encontrados todos os vídeos do projeto, como ilustrado com a imagem da página abaixo:

⁷ Link do site da DOT Brasil, disponível em: <https://dotbrasil.org/>. Acesso em 27 de maio de 2021.

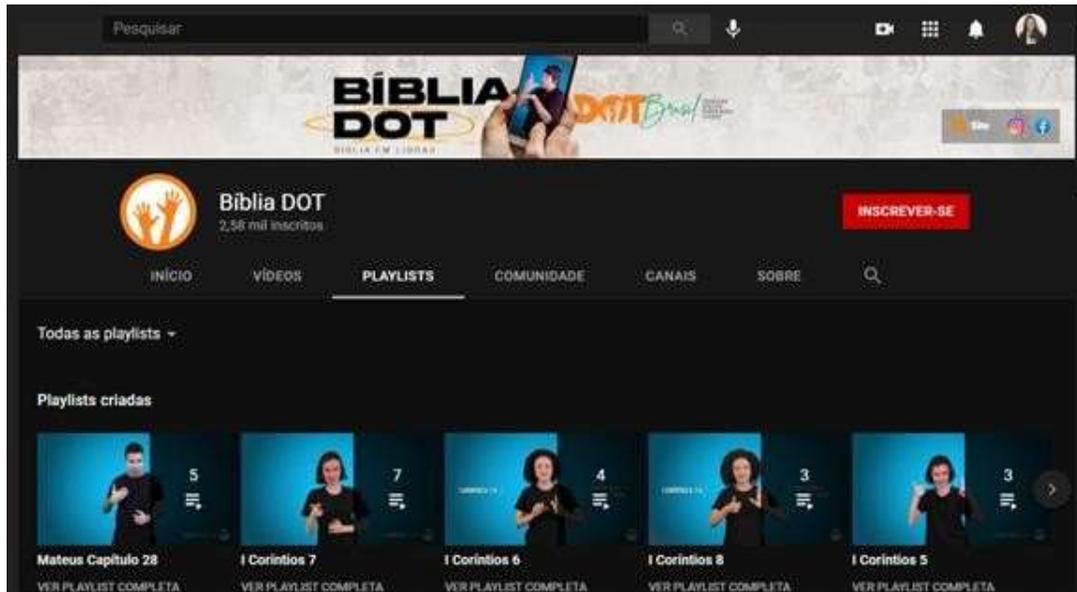


Imagem 8: Interior do canal no Youtube da Missão DOT Brasil. (Disponível em <https://www.youtube.com/c/B%C3%ADbliaDOT>. Acesso em 27 de maio de 2021).

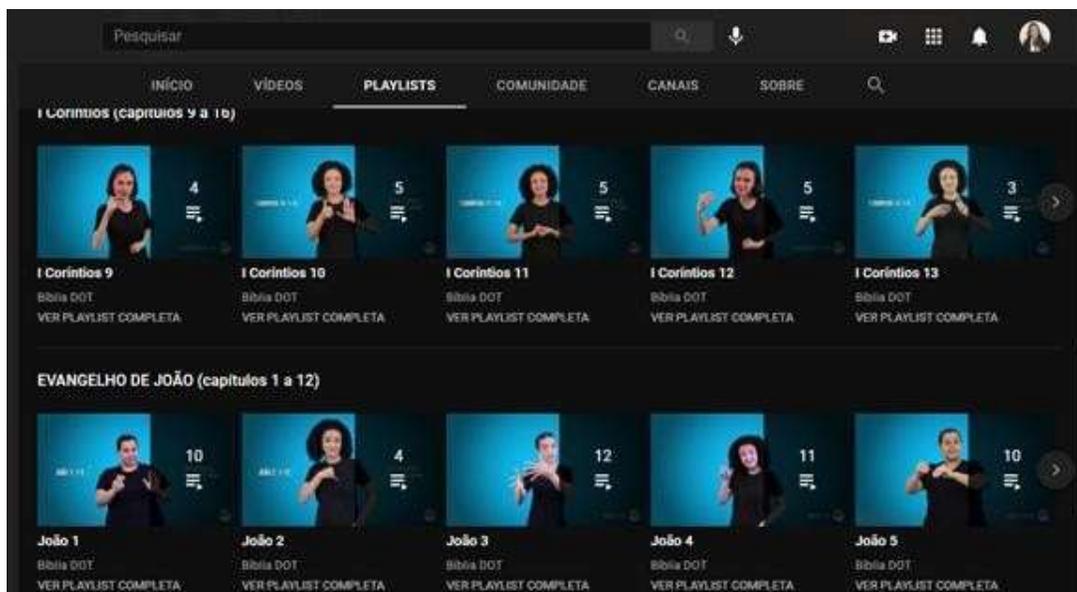


Imagem 9: Playlists do canal no Youtube da DOT Brasil, contendo os vídeos de tradução da Bíblia dos livros de João e 1ª Coríntios. (Disponível em: <https://www.youtube.com/c/B%C3%ADbliaDOT/playlists>, acesso em 27 de maio de 2021).

Por conhecimento prévio da existência de uma tradução completa da Bíblia Sagrada por parte da religião Testemunhas de Jeová, foi-se pesquisar o material disponível, o qual de fato, contempla uma tradução completa, de todos os 66 livros, sendo 39 livros no velho testamento, e 27 no novo testamento. O site da comunidade das Testemunhas de Jeová é acessível em diversas línguas, inclusive em língua brasileira de sinais, pois a religião carrega a cultura de acessibilidade com o foco na evangelização e maior alcance de pessoas.

Ao acessar o site, basta ir na lupa de pesquisa e buscar por “Bíblia em Libras”, o site atualizará para a aba que contém os vídeos de tradução dos livros da Bíblia, onde basta clicar no livro escolhido, capítulo que deseja assistir, e aparecerá o vídeo da tradução para a língua de sinais. As imagens abaixo mostram como funciona o site e seu conteúdo:



Imagem 10: Interior do site das Testemunhas de Jeová, onde se encontra a versão Bíblia em Libras. (Disponível em: <https://www.jw.org/bzs/biblioteca/biblia/nwt/livros/> , acesso em 04 de junho de 2021).

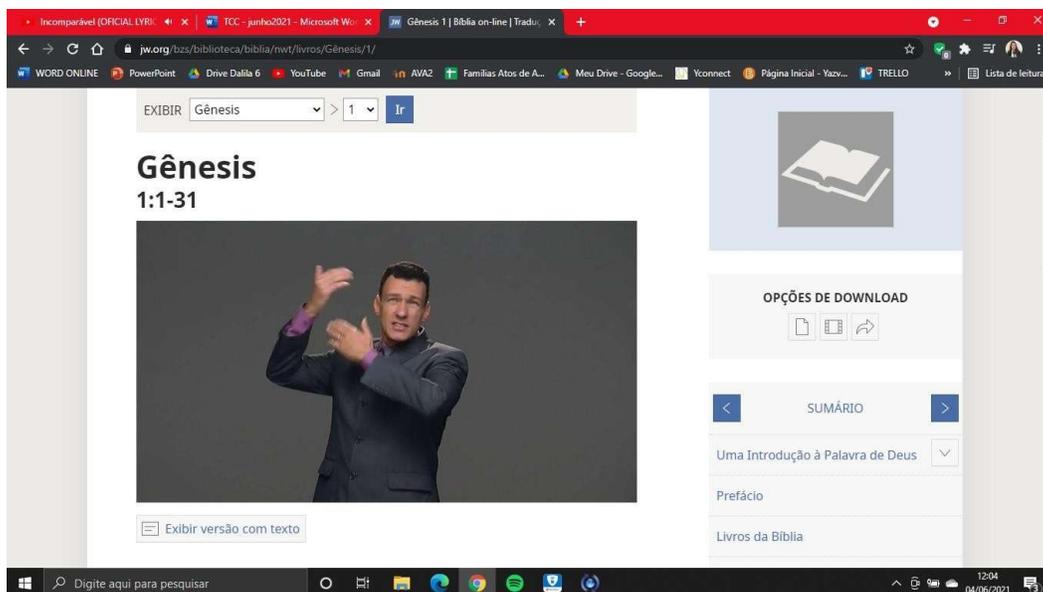


Imagem 12: Print para exemplificação da aba do site das testemunhas de Jeová que contém o vídeo de tradução do livro de Gênesis, da Bíblia, capítulo 1, versículos do 1 ao 31. (Disponível em: <https://www.jw.org/bzs/biblioteca/biblia/nwt/livros/G%C3%AAnesis/1/> , acesso em 04 de junho de 2021).

Com o objetivo de encontrar mais materiais de tradução da Bíblia em sua completude, buscou-se, agora, em sites específicos de algumas religiões escolhidas, com o intuito de encontrar produções do livro sagrado por parte de outras comunidades religiosas (que não o material já localizado, das Testemunhas de Jeová).

Foram selecionadas as comunidades religiosas: “Igreja Católica Apostólica Brasileira”, “Igreja Luterana do Brasil”, “Igreja Batista do Brasil”, conforme são citadas nas páginas 10 e 11, capítulo 1 do presente texto, como principais colaboradoras pela difusão da língua de sinais na esfera religiosa e fomentadoras do olhar socioantropológico sobre as pessoas com surdez no cenário brasileiro, além das “Testemunhas de Jeová”, a qual os dados já foram apresentados anteriormente.

O percurso metodológico adotado para a investigação foi o mesmo adotado em todas as consultas anteriores: na plataforma de busca “Google”, inserindo as palavras-chave “Site Oficial da Igreja [...]”, e assim, encontrando o site da igreja desejada para análise. Uma vez no site oficial da igreja, buscou-se por “Bíblia em Libras” para colher os dados disponíveis, sendo, a falta de dados no site, um dado para presente trabalho.

Iniciando a pesquisa conforme a sequência apresentada do parágrafo acima, a Igreja Católica foi a primeira a ser averiguada. O site encontrado foi o “ICAB - Igreja

Católica Apostólica Brasileira⁸”, e na aba apropriada para pesquisas dentro do site, buscou-se por “Bíblia em Libras”, onde não foi encontrado nenhum material disponível.

Após o mesmo movimento de busca por site oficial, localizou-se a página na internet da Igreja Luterana, sendo ela a “Igreja Evangélica Luterana do Brasil⁹”, a qual, em situação de busca por “Bíblia em Libras”, nada gerou, logo, nenhuma produção da Bíblia para a língua brasileira de sinais aparentemente foi feita por essa igreja.

No último levantamento a respeito das produções de igrejas brasileiras sobre materiais sinalizados da Bíblia Sagrada versão Libras, partimos para a Igreja Batista, do mesmo modo que coletamos os dados nos levantamentos anteriores, com as demais igrejas pesquisadas. O site oficial desta igreja é o da “Convenção Batista Brasileira¹⁰”, onde, após consulta na aba específica de pesquisas dentro do site, não encontramos nenhum resultado derivado da consulta “Bíblia em Libras”.

Apresentados os dados quantitativos encontrados em nosso levantamento tanto do cenário acadêmico (voltado à esfera religiosa cristã no âmbito dos estudos da tradução), quanto das produções sinalizadas da Bíblia Sagrada no período entre os anos de 2010 e 2020, avançaremos para as análises e considerações finais no capítulo subsequente.

⁸ Site oficial da Igreja Católica Apostólica Brasileira disponível em: <https://www.igrejabrasileira.com.br/>. Acesso em 04 de junho de 2021.

⁹ Site oficial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil disponível em: <https://www.ielb.org.br/>. Acesso em 04 de maio de 2021.

¹⁰ Site oficial da Convenção Batista Brasileira disponível em: <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/index.php>. Acesso em 04 de maio de 2021.

Capítulo 4 - Análises e Considerações Finais

Partindo do levantamento acerca dos trabalhos acadêmicos, teses e dissertações que versam sobre a tradução libras/língua portuguesa na esfera religiosa cristã, podemos notar que, das 236 obras encontradas na biblioteca digital de teses e dissertações, ao investigarmos o campo dos estudos da tradução, 120 delas tinham relação com a língua de sinais, o que implica em aproximadamente 51% dos trabalhos encontrados sobre tradução se referirem ao processo tradutório entre língua de sinais e língua portuguesa oral, mostrando certo prestígio quando comparados aos estudos de tradução considerando língua portuguesa e outras línguas orais (cerca de 1% de nosso levantamento).

Ao nos voltarmos para os dados acerca da tradução considerando o recorte da esfera religiosa, espaço responsável por tantos deslocamentos na difusão das línguas de sinais para a comunidade surda - como destacado por Assis Silva (2012) e anteriormente discutido neste trabalho - percebemos um declínio no número de produções, tendo em vista que apenas 4, dos 120 trabalhos sobre tradução envolvendo língua de sinais, versavam, de fato, sobre a esfera religiosa cristã, resultando em pouco mais de 3% dos trabalhos dedicados à temática e menos de 2% se olharmos no quadro geral de produções sobre os estudos da tradução com 236 obras encontradas em nosso levantamento.

Percebe-se, assim, que até o momento presente há uma escassez relacionada às produções textuais sobre tradução em Libras na esfera religiosa cristã, indicando pouca visibilidade ao que vem sendo proposto por essa esfera na tradução para Libras. Aparentemente, a esfera religiosa cristã não ocupa prestígio acadêmico a ponto de gerar interesse no estudo aprofundado para o desenvolvimento de pesquisas que versem sobre a tradução em Libras – o que, de nosso ponto de vista, poderia ser interessante tendo em vista nossa as implicações históricas e culturais de se profissionalizar como tradutores e intérpretes de Libras em função nesse contexto (marcadamente assistencialista e caritativo em relação à surdez e à língua de sinais).

No que se refere ao campo da tradução entre diferentes línguas orais, vê-se muito mais prestígio e legitimidade com a profissão de tradutor e intérprete de línguas orais, principalmente se olharmos para línguas de grande influência, como o inglês. Tatiana Carneiro, em seu texto publicado em 2017, explicita que: “Há uma diferença nítida de status entre intérpretes e tradutores de línguas orais, sendo o trabalho dos primeiros mais valorizado, por seu suposto maior grau de dificuldade” (p.15), enquanto que,

primeiramente, a língua de sinais, a Libras, tampouco é considerada uma língua, sendo submetida à um desprestígio por si só, o que acarreta muitas vezes na dificuldade de se pensar a tradução e interpretação em Libras como uma profissão como qualquer outra, ou equiparada ao status dos profissionais de outras línguas, e isso se dá porque:

Grandes parcelas da sociedade consideram a língua de sinais não uma língua per se, mas a “língua dos surdos”, um espelhamento da língua oral correspondente, uma linguagem sinalizada e não uma língua com estrutura e funcionamento próprios. (CARNEIRO, 2017, p.15).

E esse prestígio, aclamação por parte da sociedade pode ser gerado pela influência do contexto de formação? Esses profissionais se formam no contexto religioso? Carneiro (2017) pontua ainda que "enquanto a interpretação de línguas orais ganhou reconhecimento profissional em ambientes de conferências, a atividade da interpretação de línguas de sinais foi se tornando uma profissão nos ambientes comunitários" (p.6). Podemos perceber tal dado quando sabemos, como exemplo, do famoso caso dos julgamentos de Nuremberg¹¹, na Segunda Guerra Mundial, onde se iniciou o trabalho de interpretação das línguas orais, enquanto, se tratando da formação dos tradutores e intérpretes de Libras "em seus primórdios, não visava, principalmente, a profissionalização, mas sim a filantropia" (p.11).

Embora a visão sobre a atuação do tradutor e intérprete de Libras já esteja sendo vista, em muitos espaços, como de fato uma profissão e venha mudando aos poucos, graças às legislações – como, por exemplo, a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) e o reconhecimento da profissionalização do tradutor e intérprete de Libras, com a lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010 (BRASIL, 2010); e inserção dos tradutores e intérpretes de Libras nos mais diversos espaços em consequência dessas obrigatoriedades legais, ainda vemos resquícios de uma falta de equiparação entre os status sociais da Libras e da Língua Portuguesa.

Direcionando as considerações para o segundo momento de levantamento dos dados, (que se referem às produções sinalizadas em Libras de tradução da Bíblia Sagrada), percebemos, de semelhante forma, a carência de diversidade de materiais disponíveis.

¹¹ Julgamentos ocorridos no final da Segunda Guerra Mundial, na Alemanha, entre 1945 e 1946, e foram base para a criação do Tribunal Penal Internacional. Como haviam muitos países envolvidos, pessoas bilíngues foram colocadas como intérpretes no tribunal, para que houvesse compreensão das falas, e então, a determinação da pena. Considera-se a primeira atuação de intérpretes de línguas orais da história. (Reckelberg, 2018, p.20).

Sendo este o livro sagrado, manual e norte das comunidades cristãs, esperava-se maior produtividade na divulgação dos textos bíblicos.

Em contrapartida, há estimado potencial no crescimento da esfera religiosa cristã, considerando a produção de mais materiais de tradução da Bíblia, tendo em vista os projetos em andamento apresentados no capítulo anterior, demonstrando interesse, esforço e senso de responsabilidade com o que a própria Bíblia propõe em sua inteireza, e principalmente em Marcos 16:15, quando Jesus ensina aos seus discípulos, orientando: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”.

Nesse sentido, embora as conquistas da comunidade surda – historicamente acolhida pelas esferas religiosas - tenham deslocado a formação de tradutores e intérpretes de Libras para cursos de nível superior (como cursos de licenciaturas e bacharelados, mais recentemente¹²), nosso trabalho evidencia a carência de discussão e produção textual nos espaços acadêmicos e de produções digitais a respeito dos espaços religiosos que ainda ocupam importantes lugares de formação de tradutores e intérpretes de Libras na atualidade.

¹² Quadros e Stumpf (2009), discorrem acerca da primeira graduação em Letras/Libras no país, que aconteceu na Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 2006. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/984> Acesso em 17.06.2021.

Referências:

ASSIS SILVA, C.A de. **Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

BRASIL. **Decreto n. 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 26.04.2019.

BRASIL. **Decreto-lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/99492/lei-de-libras-lei-10436-02> . Acesso em: 26.04.2019.

BRASIL. **Decreto-lei n. 12.319 de 1 de setembro de 2010**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso em: 27.05.2019.

BRASIL. **Decreto-lei n. 13.146 de 6 julho de 2015**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 18.06.2021.

BÍBLIA, N.T. **Efésios**. Nova Versão Internacional, Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes, Santo André: Editora Geográfica, 2016.

BÍBLIA, N.T. **Marcos**. Nova Versão Internacional, Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes, Santo André: Editora Geográfica, 2016.

BÍBLIA, N.T. **Romanos**. Nova Versão Internacional. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes, Santo André: Editora Geográfica, 2016.

CAMPOS, H. de. In: TÁPIA, M.; NÓBREGA, T. M. (Orgs.). **Haroldo de Campos: Transcrição**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W, D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira: Sinais de M a Z**. 2001.

CARNEIRO, T. D. **Intérpretes de línguas orais e intérpretes de Libras: semelhanças e diferenças na formação, atuação e status social**. PUC Rio, Tradução em Revista, 2017.

COSTA, E. S. **Tendências atuais da pesquisa em Escrita de Sinais no Brasil**. Revista Diálogos (RevDia). v. 6, n. 1, jan.-abr., 2018.

DALCIN, G. **Psicologia da Educação de Surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Licenciatura em Letras-Libras modalidade à distância. Florianópolis, 2009.

DALLAN, M. S. S. **SignWriting: Escrita Visual para Língua de Sinais - O Processo de Sinalização Escrita**. II Congresso Nacional de Surdez, S. J. Campos -S.P, 2009.

DALLAN, M. S. S. e MASCIA, M. A. A. **A escrita em sinais: uma escrita própria para a LIBRAS**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2012.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 9ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

KARNOPP, L. **Literatura Surda**. UFSC: Florianópolis, 2008

LIMA, C. **Tradutor Intérprete de Língua de Sinais: quais foram as evoluções na formação destes profissionais**. Revista Acta Científica, 2016.

NASCIMENTO, M. V. B.; MARTINS, V. R. O.; SEGALA, R. R. **Tradução, criação e poesia: descortinando desafios do processo tradutório da língua portuguesa (LP) para a língua brasileira de sinais (LIBRAS)**. Domínios da Linguagem, v. 11, n.5, p. 1850-1874, 2017.

NASCIMENTO, V. **Formação de Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes**. 2016. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

NÓBREGA, C.S.R. da. **Literatura Surda: As produções digitais de textos religiosos em Libras**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

PAGURA, R. **A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores**. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 19, n. esp., 2003.

QUADROS & SOUZA. **Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: prática tradutórias do curso de Letras Libras**. Florianópolis: UFSC/CCE, 2008.

QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. **O primeiro curso de graduação em letras língua brasileira de sinais: educação a distância**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 169–185, 2009.

RECKELBERG, S. **Intérpretes de Libras-Português no Contexto Jurídico: uma investigação dos serviços de interpretação oferecidos na Grande Florianópolis**. Universidade Federal de Santa Catarina – Curso de Graduação em Letras Libras, 2018.

REILY, L.O **Papel da Igreja nos Primórdios da Educação dos Surdos**. Revista Brasileira de Educação. Editora Autores Associados, v. 12, n. 35, p. 308-326, 2007.

ROJO, R. **A teoria dos Gêneros Discursivos do Círculo de Bakhtin e os Multiletramentos**. São Paulo: Parábola Editorial. 2013.

SEGALA, R. R. **Tradução intermodal e interssemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. Florianópolis, 2010. 74 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, SC, 2010.

SENA, J.P. **Tradução de Poesia Concreta do Português para a Libras: Transcriando um Poema de Leminski**. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

SKLIAR, C. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Editora Mediação, 3ª edição, 192 p., Porto Alegre, 2005.

SOUZA-ANDRADE, F.; BARBOSA, E. **Diferenças entre Tradução e Interpretação na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): uma análise sobre hesitações**. CEPAE, I CONALIBRAS-UFU, 2015.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.